



DIAGNÓSTICO DA REALIDADE DO ALUNO: DESAFIO PARA O PROFESSOR NO MOMENTO DO PLANEJAMENTO E DA PRÁTICA PEDAGÓGICA

Nelsi Antonia Pabis¹ - UNICENTRO/UTP

Resumo: O presente artigo objetiva refletir sobre a realidade do aluno como componente necessário no planejamento e na prática pedagógica. Mattos (1973), Turra *et al* (1975), Gonçalves (1978), Lopes (1988), Libâneo (1994, 2004), Pimenta e Lima (2004), Gil (2008), Selbach (2010) entre outros são autores de livros de Didática e Estágio escritos e utilizados em épocas distintas. Ressaltam que o planejamento para colaborar com uma prática pedagógica eficiente, será precedido do diagnóstico da realidade. Nos cursos de formação de professores, essencialmente na disciplina Didática e Estágio esta questão também é trabalhada. As reflexões aqui apresentadas emergiam de observações, análises e questionamentos realizados a partir da prática desenvolvida ao longo dos anos no Ensino Fundamental, Médio e Superior, a respeito do assunto. Pergunta-se: os professores contemplam a realidade do aluno no momento do planejamento e da prática pedagógica e possuem clareza sobre o que é realidade? Será apresentada uma reflexão sobre o tema, visando colaborar com os professores sobre a tomada de decisão no momento do planejamento com vistas a uma prática pedagógica que contemple a realidade do aluno. Buscou-se fundamentos em Kneller (1971), Kosik (1985), Duarte (1990) dentre outros.

Palavras-chave. Diagnóstico. Realidade. Professor. Planejamento. Prática.

O contexto do estudo

As reflexões apresentadas são resultado de observações, análises e questionamentos realizados a partir da prática desenvolvida ao longo dos anos no Ensino Fundamental, Médio e Superior referente às orientações contidas nos livros de Didática, Metodologia de Ensino, Estágio e trabalhadas nos cursos de formação de professores a respeito do planejamento de ensino, essencialmente à primeira etapa que diz respeito ao diagnóstico da realidade do aluno. Pergunta-se: o diagnóstico da realidade, considerado imprescindível para a realização de um planejamento de ensino que oriente a efetivação de uma prática condizente com as necessidades e expectativas dos alunos está acontecendo? O que é realidade?

O processo de democratização vivido no Brasil a partir da década de sessenta, mesmo que de forma compulsória, tornou obrigatório o acesso de todas as crianças à escola. Esse fenômeno fez com que o desafio da quantidade de alunos na escola fosse quase vencido.

¹ Professora Assistente do Departamento de Pedagogia da UNICENTRO-Campus de Irati. Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Tuiuti do Paraná.

Mesmo que desta forma, é inegável que se constituiu em um avanço em um país em vias de desenvolvimento, onde a escola é um dos únicos espaços para a população desfavorecida econômica, cultural e socialmente acessar os elementos oriundos da cultura elaborada.

Hoje vivemos o momento do desafio pela qualidade do ensino. Um dos objetivos da escola é formar o cidadão. Esta formação, passa pelo processo de letramento, do cálculo, da interpretação. Almeja-se uma escola que desenvolva uma prática que oportunize a apreensão dos conhecimentos. Apreender, isto é, apropriar-se dos conhecimentos trabalhados em sala de aula e utilizá-los na vida cotidiana, seja no trabalho ou em outros espaços em que estiver inserido.

Entende-se que vários fatores interferem para que a apropriação dos conhecimentos por parte do aluno aconteça. Dentre eles as políticas públicas estabelecidas que manifestam-se nas condições materiais para se desenvolver o ensino, os investimentos na formação dos professores, a visão da sociedade e dos alunos sobre a importância do processo de escolarização no atual contexto, o compromisso político do professor, a visão sobre o papel da escola, o seu conhecimento sobre a sua área de atuação, sobre metodologia de ensino, o enfoque metodológico que adota em sala de aula, a relação que estabelece com os alunos.

Os livros de Didática, Metodologia do ensino, Estágio independente da linha teórica que adotam deixam claro que uma das atribuições do professor é o planejamento das ações que vai desenvolver. Nestes mesmos livros encontramos que todo planejamento deve ser precedido do diagnóstico da realidade dos alunos e que toda ação educativa só produzirá melhores resultados se for desenvolvida com base no conhecimento da realidade do aluno. Esta idéia está convencionada entre os professores. Os professores, até em conversas informais, expressam que devem conhecer os seus alunos. Portanto, o ato educativo deve ser precedido do diagnóstico da realidade do aluno.

Serão abordadas as formas como alguns autores de livros dos livros das disciplinas citadas utilizados em cursos de formação de professores, apresentam a questão do diagnóstico da realidade, reflexões sobre o que é realidade com vistas a uma reflexão sobre a situação do professor diante do diagnóstico da realidade do aluno. Como referência serão utilizados Kneller (1971), Mattos (1973), Turra *et al* (1975), Gonçalves (1978), Kosik (1985). Lopes (1988), Duarte (1990), Libâneo (1994, 2004), Pimenta e Lima (2008), Gil (2008), Selbach *et all* (2010) dentre outros.

O DIAGNÓSTICO DA REALIDADE NOS LIVROS DE DIDÁTICA

O termo diagnóstico é utilizado por profissionais das mais diversas áreas, sempre se referindo ao conhecimento prévio necessário para a tomada de decisão. Para Ferreira (2004), diagnóstico refere-se a um conjunto de dados em que se baseia uma determinação. De modo geral diagnosticar é obter um conjunto de elementos que orientam uma tomada de decisão.

Para Turra *et al* (1975, p.47) “o diagnóstico expressa a configuração de uma situação de fato, ou melhor retrata uma realidade.” Para este autor diagnosticar equivale a fazer um retrato da realidade.

Mattos (1973) que teve em 1957 a 1ª edição da obra Sumário de Didática Geral, embora de forma superficial já abordava o assunto. Para ele o “plano de curso deve ser elaborado pelo professor antes de iniciar suas aulas, mas depois de feita a sondagem preliminar sobre o tipo de alunos que terá sob sua responsabilidade.” (p. 146).

Deixa evidente que o professor necessita conhecer os alunos não fazendo claras distinções se este conhecimento é a respeito do conhecimento prévio que os alunos possuem sobre os conteúdos ou a respeito das suas situações de vida.

No auge da vigência do tecnicismo no Brasil, Turra *et al* (1975) abordava a questão com bastante clareza. “Para que o professor possa planejar adequadamente sua tarefa e atender às necessidades do aluno, deve levar em consideração o conhecimento da realidade. Este conhecimento constitui o pré-requisito para o planejamento de ensino.” (p. 28).

Destaca que uma programação de trabalho necessita de levantamento e análise das dimensões mais significativas da realidade, e que “é essencial que o professor efetue um balanço sistemático das características, condições e problemas da realidade em que vai atuar.” (p.28). Nessa abordagem, o autor vai além da simples identificação dos conhecimentos prévios que os alunos possuem sobre os assuntos trabalhados na escola, e deixa clara a necessidade de envolver outros fatores, embora não mencione quais são estes fatores. Isto fica evidente ao expressar que “o professor, em geral, faz a sondagem para constatar o que o aluno conhece a respeito do conteúdo programático. É a sondagem mais usual, no entanto, ela é parcial em relação à realidade do aluno. Não exclui a sondagem de outros fatores.” (p. 28).

Na 10ª edição do livro Didática Geral, Gonçalves (1978) ao se referir às características de um bom planejamento coloca como primeiro requisito que “deve ser elaborado em função das necessidades e das realidades apresentadas pelos alunos.” (p. 38). Não deixa claro o que é necessidade e realidade do aluno, mas acena com esta situação evidenciando que se constitui na característica do bom planejamento.

Lopes (1988) ao se referir ao planejamento de ensino se reporta a Snyders (1974). Destaca que os alunos possuem uma experiência das situações de vida, das relações pessoais e

uma multiplicidade de informações e conhecimentos que mesmo que sejam apresentadas de forma fragmentada não poderão ser desconsiderados pela escola. Considera que a identificação de problemas ou temas relevantes para os alunos é fator importante na definição do material a ser estudado no decorrer do processo de ensino. Reforçando a idéia da importância do planejamento e do diagnóstico a autora assim se refere “o resultado desse primeiro momento do planejamento seria um diagnóstico sincero da realidade concreta do aluno, elaborado de forma consciente e comprometida com seus interesses e necessidades.” (LOPES, 1988, p. 47). Após a conclusão do diagnóstico, o passo seguinte será a organização do trabalho didático. A autora complementa que frente aos desacertos observados na atual prática pedagógica percebe-se que o planejamento do ensino necessita ser repensado e que a visão negativa deste processo pela maioria dos professores não pode ser considerada irreversível. Reafirma que o planejamento, voltado para ação pedagógica crítica e transformadora, oferecerá mais segurança para se lidar com a situação que ocorre na escola e em sala de aula. “Nesse sentido, o planejamento adequado, bem como o seu resultado-o bom plano de ensino-se traduzirá pela ação pedagógica direcionada de forma a se integrar dialeticamente ao concreto do educando, buscando transformá-lo.” (LOPES, 1988. p. 43).

A autora avança apresentando um sub-capítulo com reflexões sobre o planejamento de ensino como um processo integrador entre a escola e o contexto social.

Libâneo (1994) ao tecer considerações sobre o planejamento principalmente em relação aos alunos da escola pública salienta que a “verificação das condições potenciais de rendimento escolar depende de um razoável conhecimento dos condicionantes sócio-culturais e materiais: ambiente social em que vivem, a linguagem usada nesse meio, as condições de vida e de trabalho” (p. 229).

Para este autor o conhecimento dos condicionantes sociais constitui-se em ponto de apoio pedagógico para a ação docente. O professor precisa estar disponível para aprender com a realidade, extrair dos alunos informações sobre a vida cotidiana de forma que confrontem os seus próprios conhecimentos com os conteúdos escolares. Ao mencionar que o aluno deve confrontar o seu próprio conhecimento com os conhecimentos escolares, deixa claro que o professor na condição de orientador do processo de ensino deve ter clareza dos conhecimentos que o aluno possui, embora não faça referência ao tipo de conhecimento que deve ser trabalhado, o que supõe que envolve todos os conhecimentos do aluno.

Abordando a questão do planejamento escolar, Libâneo (2004, p. 150), diz que este atende a várias funções, dentre elas “diagnóstico e análise da realidade da escola” (p. 150). Para este autor diagnóstico da realidade envolve “busca de informações reais e atualizadas

que permitam identificar as dificuldades existentes, causas que as originaram, em relação aos resultados obtidos.” (p. 150).

Gil (2008) refletindo sobre a metodologia do ensino superior menciona que para o planejamento do ensino, o professor “inicialmente procede ao diagnóstico da realidade em que se insere sua disciplina. Essa realidade envolve as necessidades e as expectativas dos alunos, a importância e o status da disciplina no contexto do curso, os recursos disponíveis para o seu desenvolvimento, etc.” (p. 35).

Embora não faça uma análise pormenorizada do tema, talvez por direcionar a sua obra para o ensino superior, se refere à disciplina, não desconsiderando as necessidades e expectativas dos alunos em relação à mesma.

Para Selbach (2010), constituem elementos do planejamento entre outros, “conhecimento das condições físicas e emocionais de cada aluno em cada classe.” (p. 129). E acrescenta que o plano de aula deve se enriquecer com detalhes que envolvem as estratégias de ensino que se empregará e os recursos necessários para a mesma. Considera que todos os alunos, dentre fatores como domínio da linguagem, solução de problemas, construção de argumentações, “são capazes de compreender e interpretar fenômenos e assim não sentem dificuldade em interligar as disciplinas escolares entre si e em associar o conteúdo mostrado em aula com a realidade do mundo que o cerca.” (p.131). Esta idéia reforça a importância da realidade do aluno.

Para Pimenta e Lima (2008), “o diagnóstico não se limita a uma visão inicial, mas se realiza como processo permanente de identificação das necessidades e possibilidades que permitam rever ou reafirmar as opções, uma vez que a realidade é dinâmica, viva, mutável.” (p. 223).

Estas autoras alertam para o diagnóstico como um processo constante, pois a realidade esta em permanente mutação

Analisando o posicionamento destes autores a questão que se levanta é até que ponto no momento do planejamento e da prática educativa os professores fazem um diagnóstico da realidade e desenvolvem suas ações pedagógicas com base nos dados obtidos através deste diagnóstico, isto é, dos condicionantes sócio-culturais dos alunos principalmente neste momento histórico em que as salas de aula estão compostas de alunos provenientes dos mais diversos segmentos da sociedade. Mesmo que assim não fosse, isto é, que as classes escolares não estivessem compostas por alunos oriundos de segmentos sociais tão diferenciados, entende-se que constitui-se em tarefa complexa, pois os alunos mesmo pertencendo a

segmentos sociais, econômicos e culturais semelhantes têm vivências diferenciadas em função da sua história de vida, da sua trajetória pessoal, familiar.

Diante deste quadro, isto é, do fato dos livros de Didática, Metodologia de ensino, Estágio serem enfáticos com referência ao tema e de ser um discurso presente nas disciplinas pedagógicas dos cursos de licenciatura e principalmente nas disciplinas Didática, Metodologia de ensino, Estágio no curso de Pedagogia, se objetiva uma reflexão sobre o que vem a ser a realidade, principalmente a realidade do aluno visando fornecer subsídios aos profissionais da educação no sentido de viabilizarem as suas práticas educativas levando em conta esta situação

Neste contexto a prática entendida como planejamento e ação. Como já mencionado, os autores aqui apresentados como outros que se dedicam ao estudo do planejamento apontam com mais ou menos intensidade a questão do diagnóstico da realidade do aluno, mas são poucos os autores que orientam uma reflexão sobre o que envolve a realidade do aluno.

REALIDADE DO ALUNO E O PAPEL DO PROFESSOR

Acredita-se que o próprio questionamento sobre a realidade vai possibilitar ao ser humano interessado no assunto, especificamente ao professor que se volta para uma tendência transformadora, refletir sobre algumas questões como, por exemplo: em que consiste a realidade e especificamente a realidade do aluno? Conhecemos a verdadeira realidade ou o que conhecemos é uma pseudo-realidade? Como se desvenda a autêntica realidade? Como os homens captam a realidade? Todos da mesma forma? Conseguimos captar a realidade como um todo ou a percebemos por parte? A realidade é algo estático ou mutável? A realidade pode ser modificada ou é o indivíduo que modifica o seu pensamento em relação a ela? Quais são os elementos que devem ser considerados num ensino que enfatize a realidade do aluno como ponto de partida da ação didática? Essas são algumas questões que se formulam quando se passa a refletir sobre o que é realidade. Para clarificá-las o professor comprometido, face a realidade do aluno, recorrerá à filosofia como meio para ajudá-lo nessa compreensão

Refletindo um pouco sobre a realidade, num primeiro momento, a questão parece superficial e fácil de ser compreendida; o que nos ocorre é que a realidade é tudo o que nos rodeia. A primeira impressão é a de que é composta do meio físico no qual se está inserido. Para Kosik (1985, p. 24), “a imagem fisicalista do positivismo empobreceu o mundo humano e no seu absoluto exclusivismo deformou a realidade: reduziu o mundo real a uma única dimensão e sob um único aspecto, a dimensão da extensão e das relações quantitativas.”

Acredita-se que o homem não pode ser reduzido apenas a uma dimensão quantitativa, esta é apenas uma das possíveis imagens do mundo que exprimem determinadas propriedades essenciais e aspectos da realidade. Além do mundo físico, existe outro mundo, também real, verdadeiro, legítimo, que é o mundo da política, da arte, da religião, da cultura, da economia, da ciência, o que significa que a realidade também se refere às idéias, às relações interpessoais e não se encerra com o mundo físico.

A realidade humano social é tão realidade como as montanhas, os rios, as árvores, as casas entre outros elementos. Embora se tenha a tendência em acreditar que a realidade é composta de objetos inanimados, enfatiza-se que ela é essencialmente humana, surge para o homem e com o homem. A ação que o homem realiza consiste na interação que ocorre entre o sujeito e o meio, o sujeito com os outros homens, e que envolve relações com o meio físico, material, espiritual, político, social, cultural, profissional.

Kneller (1983) apresenta a idéia da realidade como fruto da interação do homem com o meio. Segundo este autor, esta idéia é defendida por pragmatistas como Dewey e James. Segundo esses autores “a realidade equivale à interação do ser humano com o seu meio ambiente, é a soma total do que experimentamos. O homem e o seu meio ambiente estão coordenados; eles são igualmente responsáveis pelo o que é real.” (KNELLER, 1983, p. 23).

Ao considerar a realidade como produto da interação humana, conclui-se que ela não é algo estático, acabado, imutável. Ela é construída pelo homem e está em constante processo de construção. “O homem é o construtor do mundo e o edificador da realidade. Esta é construída, forjada no encontro incessante entre os homens e o mundo em que vivem.” (DUARTE, 1990, p. 12). A modificação da realidade ocorre a partir da mudança do pensamento e em função da ação. Portanto, ela ocorre no pensar e no agir. Pensamento e ação influenciam-se reciprocamente na apreensão e construção da realidade.

O que se deve considerar é que a construção e apreensão da realidade passa pelas condições materiais de nossa existência, especialmente nas sociedades de classe. Isto é evidenciado pelas simples situações cotidianas. Tomando-se como exemplo a água que é uma realidade física, sabe-se que ela não terá o mesmo significado para todas as pessoas. Ela é apreendida pelos indivíduos de formas diversas, em função da atividade prática, profissional e reflexiva que o indivíduo desempenha na sua vida cotidiana.

A realidade apresenta-se como um campo em que o homem exercita a sua atividade prático-sensível, sobre cujo fundamento surgirá a imediata intuição prática da realidade. No trato prático-utilitário com as coisas o indivíduo em situação cria sua própria representação das coisas e elabora todo um sistema correlativo de noções que capta e fixa o aspecto fenomênico da realidade. (KOSIK, 1985, p.10).

Conforme o pensamento do autor, as pessoas apreendem a realidade e a expressam de maneiras diversas, em função das suas necessidades, num determinado momento e contexto. Portanto, a interpretação da realidade se fundamenta em propósitos práticos que, em última análise, tem a ver com a sobrevivência do indivíduo. A apreensão da realidade varia, pois, conforme a maneira como o indivíduo se relaciona com o mundo. Mundo entendido como a compreensão, a ordenação de tudo num esquema significativo, referindo-se essencialmente aos homens e aos objetos.

Para Kosik (1985, p.22), “o homem só conhece a realidade na medida em que ele cria a realidade humana e se comporta antes de tudo como ser prático”. E, nesse caso, não se pode dizer que a água do cientista interpretado como H₂O, é mais real que a água do jardineiro que a usa para fazer as plantas crescerem. Para ambos a água é uma realidade. Em contrapartida, sedentos o cientista e o jardineiro, num árido deserto, se encontrassem um poço de água, na certa a encarariam, momentaneamente, com idêntica realidade, diversa daquela como a encararam, respectivamente, quando no laboratório e no jardim.

Nos exemplos apresentados tivemos o ser humano na sua relação com um objeto físico. Entretanto, como já foi mencionado, a realidade não fica restrita a esse nível, envolve relações humanas, sociais, políticas, culturais e, sob esse aspecto a situação torna-se complexa. Tendo em vista que cada pessoa representa a realidade de acordo com as suas vivências, a título de exemplo, pode-se perguntar sobre o sentido da escola para o professor, para o aluno, para a sociedade. Ou qual é o sentido de uma prova para o professor e para o aluno?

As respostas a tais questões dependem, por conseguinte, das situações vivenciadas pelas pessoas envolvidas no processo educativo.

A existência real e as forças fenomênicas da realidade – que se produzem imediatamente na mente daqueles que realizam uma determinada práxis histórica, como conjunto de representações ou categorias do pensamento comum – são diferentes e muitas vezes absolutamente contraditórias com as leis do fenômeno, com a estrutura da coisa e, portanto, com o seu núcleo interno essencial e o seu conceito correspondente. (KOSIK, 1985, p.10).

O próprio sentido da escola é expresso em função do que ela representa para o indivíduo ou para um segmento social. O exemplo nos mostra que as pessoas constroem uma realidade a depender de sua história de vida, normalmente ligada a uma profissão e, mesmo assim, às vezes fogem da verdadeira realidade, por não conseguirem desvendá-la. Entende-se que o desvendamento da realidade envolve questões subjetivas não expressas fielmente pelas palavras.

A realidade também é expressa pela linguagem. O sistema lingüístico de que se vale um povo é o condicionante de sua maneira de interpretar o mundo e nele agir. Duarte (1990), citando Wittgenstein, assim afirma: “os limites da minha linguagem denotam os limites do meu mundo.” (p.27).

Para uma educação que tem como objetivo a transformação do aluno e por decorrência a transformação das relações sociais, cabe aos seus profissionais buscar conhecer a realidade, o mundo da verdade, tarefa complexa desde quando, na concepção transformadora, a verdade não está pronta e acabada, como se estivesse impressa de forma que não pudesse ser modificada na consciência das pessoas, uma verdade imposta e predestinada; é um mundo em que a verdade está sempre em permanente construção.

Concorda-se que a realidade é a totalidade dos fatos, dos fenômenos, dos objetos tendo o homem como centro. Com essa afirmação, não se está negando como reais os fatos que ocorrem a nossa distância; estes pertencem a uma realidade humana diversa da nossa, mas que podem nos influenciar diretamente como foi o caso da crise do petróleo e outros.

Para a criança a realidade mais palpável é aquela em que ela se sente segura, que diz respeito ao mundo que está ao alcance de suas mãos, mundo no qual age. É nesse mundo que está a sua atenção em relação aquilo que faz ou pretende fazer. É um mundo que tem a ver com a sua sobrevivência e que nem sempre é compreendido e organizado por ela.

Num primeiro momento, a sua compreensão e a organização do mundo limitam-se ao âmbito da família, da vizinhança. São as suas vivências. O pensamento, a reflexão, a sistematização sobre a realidade família ou seu grupo de convivência na infância é fundamental para toda e qualquer operação subsequente, por esse ser o seu primeiro mundo. Nesse processo, estão envolvidos não apenas aspectos cognitivos, racionais, mais também, os fatores emocionais.

À medida que o aluno vai acumulando vivências e vai se desenvolvendo neuro-fisiologicamente, socialmente a sua realidade vai se ampliando. Começa a perceber que a realidade transcende as fronteiras de sua casa e se espalha por todo o mundo social; é o momento que o indivíduo passa a fazer parte de outras instituições além do grupo familiar. É o momento que a realidade se apresenta de forma mais lógica e didática; daí a diferença entre a realidade do aluno das séries iniciais e finais do Ensino Fundamental e também do Ensino Médio e Superior.

Defende-se um ensino vinculado à realidade do aluno desde quando esta apresenta um componente emocional, afetivo, de grande significado para o conhecimento. Desenvolver esse tipo de ensino não quer dizer deixar de ensinar história, ciências, geografia, língua materna,

matemática. O que difere é que a apreensão pelo aluno acontece por um caminho peculiar, daí a importância do enfoque metodológico do qual o professor se vale para efetivar a sua ação pedagógica.

Ao se enfatizar a questão da realidade do aluno deve-se ter em mente que a ciência, o conhecimento elaborado, surgem a partir de reflexões sobre a vida diária como afirma Heller (1985). Por isso, defende-se a idéia de que todos os fatos levantados em sala de aula são possíveis de serem relacionados com a ciência, com o conhecimento elaborado. A viabilização desta proposta possibilitará a todos os alunos que expressem a realidade assim como a percebem, e que os relatos sejam refletidos e trabalhados pelos alunos em conjunto e pelo professor.

Como já mencionado objetivou-se apresentar algumas reflexões sobre o que vem a ser realidade do aluno a fim de contribuir com os profissionais da educação sobre os requisitos que envolvem a tomada de decisão no momento do planejamento principalmente diante da diversidade social, cultural, econômica vivida pelos alunos que estão numa mesma sala de aula e também da prática

A vivência ao longo dos anos tem mostrado que diante da diversidade apresentada em sala de aula e da complexidade que envolve o diagnóstico da realidade que este na maioria das vezes não se viabiliza. Conhecemos pouco a respeito dos alunos com os quais trabalhamos e só nos inteiramos das suas situações de vida quando algo surpreendente e, normalmente desagradável acontece. São os alunos com dificuldades econômicas, problemas de saúde, de vícios, de desestruturação familiar, cometem crimes, suicídios e tantas outras situações que se constituem em fatores desmotivantes do aluno na escola e prejudicam o desempenho. Isso demonstra que os professores pouco conhecem a respeito dos alunos e pouco é feito diante das suas vivências.

Neste aspecto, quando se trata de ensino superior percebe-se que a situação parece mais acentuada; que a única realidade existente é da formação profissional.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir considerações apresentadas objetiva-se uma reflexão a respeito de como está sendo praticado o diagnóstico da realidade dos alunos no momento da realização do planejamento de ensino com vistas a uma prática que contemple as reais necessidades dos alunos., independente do nível de ensino. As observações realizadas ao longo tempo, indicam que o diagnóstico da realidade do aluno, da forma como é praticado pela maioria dos

professores não passa da identificação de alguns dados como número de alunos por sala de aula, por sexo, idade, a distância que residem da escola, nível de escolarização dos pais, talvez renda familiar, religião que praticam, nível de conhecimento que possuem.

A apropriação destes dados é necessária, mas isto não quer dizer que se realizou o diagnóstico da realidade, este é mais complexo que os dados quantitativos, envolve situações de vida como condição econômica, social, religiosa, etc. dos alunos, enfim requer um conhecimento da história de vida dos alunos. Reportando-se a Libâneo (2004), o diagnóstico, realizado a partir do levantamento de dados, objetiva analisar e explicar a situação, mas deve ser articulado com suas causas internas e externas.

O que se observa é que o professor talvez por desconhecimento do que seja a realidade ou pelas atribuições do dia a dia, não consegue apreender a verdadeira realidade do aluno, principalmente neste momento em que alunos dos mais diversos segmentos sociais estão presentes na sala de aula, daí a dificuldade em realizar um ensino a partir do contexto do aluno.

Entendemos que vencer o desafio da qualidade do ensino passa pelo conhecimento que se tem do aluno, se tivéssemos condições de assim proceder talvez pudéssemos desenvolver ações preventivas na escola no sentido de evitar ou minimizar a vivência de situações desconfortáveis entre os nossos alunos, e assim contribuir para a melhoria do nível cultural e das condições de vida dos alunos que freqüentam as escolas.

REFERÊNCIAS

DUARTE JUNIOR, J. F.. **O que é realidade**. São Paulo: Brasiliense, 1990.

FERREIRA, A. B. de H. **Novo dicionário da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2004.

GIL, A. C.. **Metodologia do Ensino Superior**. São Paulo: Atlas, 2008.

GONÇALVES, R.. **Didática geral**. Rio de Janeiro, Freitas Bastos, 1978.

HELLER, A.. **O cotidiano e a história**. São Paulo: Paz e Terra, 1985.

KNELLER, G. F. **Introdução à filosofia da educação**. Rio de Janeiro: Zahar, 1983.

KOSIK, K. **Dialética do concreto**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985

LIBÂNEO, J. C. **Didática**. São Paulo, Cortez, 1994.

-----**Organização e gestão da escola: teoria e prática.** 5.ed. Goiânia: Alternativa, 2004.

LOPES, A. O. **Repensando a didática.** São Paulo: Papirus, 1988.

MATTOS, L. A. de. **Sumário de didática geral.** Rio de Janeiro: Aurora, 1973.

PIMENTA, S. G. e LIMA, M. S. L. **Estágio e docência.** São Paulo: Vozes, 2008.

SELBACH, S. *et al.* **História e didática.** Petrópolis: Vozes, 2010.

TURRA, C. M. G.; ENCONTE, D.; SATÁNNIA, F. M. **Planejamento de ensino e avaliação.** Porto Alegre: PUC – EMMA, 1975.